

Mark Hathaway
Leonardo Boff

O Tao da Libertação

EXPLORANDO A ECOLOGIA DA TRANSFORMAÇÃO

PREFÁCIO
FRITJOF CAPRA



2ª Edição

 EDITORA
VOZES

Vencedor do Prêmio Nautilus
2010 em Nova Ciência e Cosmologia

Sumário

Prefácio, 13

Sobre o Tao Te Ching, 23

Prólogo, 25

1 Procurando a sabedoria numa era em crise, 31

Parte I. Examinando obstáculos, 47

2 Desmascarando um sistema patológico, 49

3 Superando a dominação, 110

4 Superando a paralisia – Renovando a psique, 141

Parte II. Cosmologia e libertação, 195

5 Redescobrimo a cosmologia, 197

6 A cosmologia da dominação, 212

7 Transcendendo a matéria – O microcosmo holístico, 246

8 Complexidade, caos e criatividade, 280

9 Memória, ressonância mórfica e surgimento, 309

10 O cosmo como revelação, 343

Parte III. O Tao da libertação, 419

11 A espiritualidade para a Era Ecozoica, 421

12 A ecologia da transformação, 463

Continuando a jornada, 525

Referências, 527

Índice analítico, 543

Índice geral, 589

Prefácio

Com o desenrolar do novo século, dois fatores vão impactar no futuro bem-estar da humanidade. O primeiro destes é o desenvolvimento e a propagação do capitalismo global, o segundo é a criação de comunidades sustentáveis fundadas em práticas baseadas em ecodesign.

O capitalismo global é preocupado com redes eletrônicas para transações financeiras e trocas de informações. O ecodesign se atém a redes ecológicas e ao fluxo de energia e materiais dentro destas redes. A meta da economia global é, em sua forma atual, a maximização da riqueza e do poder das elites; a meta do ecodesign é a maximização da sustentabilidade da teia da vida. Estes dois fatores estão atualmente em curso de colisão.

A nova economia, que surgiu da revolução da tecnologia da informação das últimas três décadas, é estruturada principalmente em torno de redes de transações financeiras. Tecnologias sofisticadas de informação e comunicação facilitam a rápida movimentação de capital pelo mundo em uma incansável procura por oportunidades de investimento. Esse sistema conta com a ajuda de modelos computacionais para administrar as muitas complexidades trazidas pela rápida desregulamentação e pelo número atordoante de instrumentos financeiros.

Esta economia é tão complexa e turbulenta que torna impossível uma análise econômica convencional. O que nós estamos realmente vivenciando é um cassino global operado eletronicamente. Os apostadores neste cassino não são especuladores desconhecidos, mas grandes bancos de investimento, fundos de pensão, multinacionais e fundos mútuais criados com a intenção de manipular mercados financeiros. O tão chamado mercado global, em si mesmo, não é um mercado, mas "uma rede de computadores programados com um único intento: fazer dinheiro. Quaisquer outros intentos ficam fora da equação. Isto quer dizer que a globalização econômica tem sistematicamente excluído a dimensão ética de se fazer negócio."

Nos últimos anos, o impacto social e ecológico dessa globalização tem sido discutido exclusivamente por acadêmicos e líderes de comunidades. Sua análise

diz que a nova economia está produzindo um grande número de consequências graves. Ela enriqueceu as elites globais de especuladores financeiros, empresários e profissionais de alta tecnologia e, em consequência, aqueles que se encontram no topo da pirâmide social nunca acumularam tanta riqueza. Entretanto, as consequências para a sociedade em geral e para o meio ambiente têm sido desastrosas; e como nós temos visto durante a atual crise financeira, a nova economia também representa um grave risco à saúde financeira de pessoas no mundo todo.

Este novo capitalismo global causou um aumento da desigualdade e da exclusão social, comprometeu instituições democráticas, teve um grande impacto negativo no meio ambiente e alastrou o problema da pobreza e da alienação. Este capitalismo ameaça e destrói comunidades locais pelo mundo afora e sua idealização de uma infundada biotecnologia é um assalto à santidade da vida, porque torna "diversidade em monocultura, ecologia em engenharia e a vida em uma mercadoria."

É cada vez mais claro que o capitalismo global em sua forma presente é insustentável social, ecológica e até financeiramente, e então ele precisa ser fundamentalmente re-projetado. Seu princípio fundamental que dita que fazer dinheiro tem precedente sobre os direitos humanos, democracia, proteção do meio ambiente, ou quaisquer outros valores, só pode levar ao desastre. Entretanto, este princípio pode ser mudado; afinal, ele não é uma lei da natureza. As mesmas redes eletrônicas usadas em trocas de informações e transações financeiras *poderiam* contar com outros valores. O problema não é tecnológico, mas político. O grande desafio do século XXI é mudar o sistema de valores subjacentes à economia global para torná-la compatível com a dignidade humana e com a sustentabilidade ecológica.

Certamente, o ato de replasmação do processo globalizatório já começou. Na primeira década deste novo século uma impressionante coalizão de organizações não governamentais (ONGs) foi formada com esse propósito. Esta coalizão, também chamada de movimento pela justiça global, tem organizado uma série de manifestações bem-sucedidas contra reuniões da Organização Mundial do Comércio (OMC), G7 e G8, e tem também organizado vários encontros do Fórum Social Mundial (FSM), a maioria dos quais ocorreu no Brasil. Nesses encontros as ONGs propuseram um novo paradigma para políticas comerciais, que incluem propostas radicais e concretas para uma reestruturação das instituições financeiras mundiais, o que mudaria profundamente a natureza do processo de globalização.

O movimento pela justiça global exemplifica um novo tipo de movimento político que é típico dessa nossa era da informação. Por causa de seu habilitado uso da internet, as ONGs dessa coalizão são capazes de se comunicarem umas com as outras, divulgarem informações e mobilizar seus membros com uma rapidez sem precedentes. Conseqüentemente, as novas ONGs globais se tornaram eficientes atores políticos independentes das tradicionais instituições nacionais e internacionais. Elas constituem um novo tipo de sociedade civil e global.

Para posicionar seu discurso político dentro de uma ótica sistemática e ecológica, essa sociedade civil e global conta com o apoio de uma rede de acadêmicos, institutos de pesquisa, grupos de reflexão e centros de estudos que tendem a operar independentemente das instituições acadêmicas tradicionais, das organizações financeiras e das agências governamentais. Atualmente há muitos desses institutos de pesquisa e de estudos espalhados por várias partes do mundo, e eles compartilham uma característica que é conduzir pesquisa dentro de parâmetros de valores centrais a todos eles.

A maioria desses institutos de pesquisa é formada por comunidades de acadêmicos e ativistas que estão engajados em vários tipos de projetos e campanhas. Entretanto, há três grupos de problemas que parecem ser um recorrente foco de preocupação por parte dos maiores e mais ativos movimentos de classes populares. O primeiro é o desafio de moldar as regras e as instituições envolvidas no processo de globalização; o segundo é sua oposição contra os alimentos transgênicos e sua preferência pela agricultura sustentável; e o terceiro é o ecodesign, que é um esforço sério de remodelar estruturas físicas, cidades, tecnologias e indústrias para torná-las ecologicamente sustentáveis.

Design, no sentido mais lato, consiste na plasmação dos fluxos de energia e matéria para usos e propósitos humanos. Ecodesign é um processo pelo qual os usos e propósitos humanos são cuidadosamente embutidos e tecidos na malha e no fluxo natural do mundo. Os princípios do ecodesign refletem os princípios de organização que a natureza criou para sustentar a teia da vida – o contínuo ciclo da matéria, o uso de energia solar, diversidade, cooperação e simbiose, e assim por diante. Para implementar esta noção de design, precisamos mudar nossa atitude para com a natureza – daquilo que podemos *extrair* da natureza para o que podemos *aprender* com a natureza.

Recentemente temos visto um aumento considerável em práticas e projetos orientados por ecodesign, os quais são agora bem documentados. Eles incluem a renascença da agricultura orgânica pelo mundo afora; a organização de

indústrias em agrupamentos ecológicos, nos quais o refúgio de uma se torna o recurso da outra; a mudança de uma economia baseada em produtos para uma economia baseada em “fluxo e serviço”, na qual matérias-primas industriais e componentes técnicos circulam continuamente entre fabricantes e usuários; edifícios construídos de acordo com um design que gera mais energia que a usada, que não produzem desperdício e que monitoram seus desempenhos; carros híbridos que são muito mais eficientes que os carros normais; e assim por diante.

Estes projetos e tecnologias baseados em ecodesign incorporam princípios ecológicos e têm, então, algumas características fundamentais em comum. Eles tendem a ser projetos em pequena escala, com muita diversidade, eficiência energética, não poluentes, orientados para a comunidade, de mão de obra intensiva e criadores de vários postos de trabalho. As tecnologias agora disponíveis são provas irrefutáveis que a transição para um futuro sustentável não é mais um problema técnico ou de fundamentos. Muito pelo contrário, é um problema de valores e de vontade política.

Mas parece que tal vontade política tem aumentado significativamente nos últimos anos. Um indício notável disso é o filme *Uma verdade inconveniente*, de Al Gore, que teve um importante papel na sensibilização das pessoas para uma consciência ecológica. Em 2006, Al Gore treinou pessoalmente duzentos voluntários no Tennessee para palestrar sua mensagem mundo afora. Até 2008 esses voluntários já tinham dado vinte mil palestras para dois milhões de pessoas. Neste mesmo ínterim, a organização de Al Gore, *The Climate Project*, treinou mais de mil outros indivíduos empenhados pela causa na Austrália, Canadá, Índia, Espanha e Reino Unido. Eles agora são vinte e seis mil palestrantes que já comunicaram a mensagem para uma audiência de mais de quatro milhões de pessoas mundialmente.

Outro importante acontecimento foi a publicação do livro *Plan B: Mobilizing to Save Civilization*, de Lester Brown, um dos fundadores do Worldwatch Institute e um dos maiores pensadores sobre o meio ambiente. A primeira parte do livro é uma discussão detalhada sobre a interconexão fundamental dos maiores problemas que nos afetam. Ele demonstra com extrema clareza que o círculo vicioso de pressão demográfica e pobreza leva ao esgotamento de recursos – queda no nível dos lençóis d’água, poços artesianos que secam, florestas que diminuem, declínio dos estoques de pesca, erosão do solo, desertificação dos prados e assim por diante – e como este esgotamento, exacerbado por mudanças climáticas, produz Estados falidos cujos governos não

conseguem manter seus cidadãos, alguns dos quais, num estado de completo desespero, recorrem ao terrorismo.

Enquanto esta primeira parte do livro é categoricamente deprimente, a segunda – um plano de ação para salvar nossa civilização – é otimista e emocionante. Tal plano envolve várias ações simultâneas trabalhando em cooperação umas com as outras, e refletindo a interdependência dos problemas que elas tentam solucionar. Todas as propostas nessa segunda parte podem ser implementadas com o uso de tecnologias que nós já possuímos e, de fato, todas essas propostas são explanadas com exemplos bem-sucedidos em alguma parte do planeta. O *Plano B* de Brown é talvez a mais clara documentação que temos hoje em dia de que nós possuímos o conhecimento, as tecnologias e os meios financeiros para salvar nossa civilização e para construir um futuro sustentável.

E, finalmente, a liderança e a vontade política para o desenvolvimento de uma civilização sustentável ganharam um novo ímpeto com a eleição de Barak Obama para a presidência dos Estados Unidos. As origens da família Obama são bem diversas tanto racial quanto culturalmente. O pai dele era do Quênia, a mãe era norte-americana e o padrasto era da Indonésia. Obama nasceu no Havai e passou parte da infância lá e parte na Indonésia. Estas origens bem diversas moldaram a maneira que ele tem de ver o mundo; ele não tem problemas em se comunicar com pessoas de outras raças e de classes sociais diferentes.

Como passou vários anos trabalhando como organizador comunitário e como advogado de direitos humanos, Obama é um excelente ouvinte, facilitador e mediador. Sua eleição remodelou a cultura política nos Estados Unidos e está transformando a imagem desse país no exterior e mudando a percepção que os norte-americanos têm deles mesmos.

O programa político do Presidente Obama representa um redirecionamento para os Estados Unidos. Os pontos principais desse programa são a rejeição do fundamentalismo de mercado, o final do unilateralismo norte-americano, a implementação de políticas econômicas visando o bem-estar do meio ambiente como respostas à crise mundial do meio ambiente. Obama é muito consciente da fundamental interconexão dos grandes problemas do mundo e muitos dos maiores cientistas e ativistas do planeta estão prontos a lhe ajudar na implementação dessa política.

Mas algumas questões importantes ainda necessitam respostas: Por que levou tanto tempo para se reconhecer a seriedade do risco à sobrevivência humana? Por que somos tão devagar em mudar nossas percepções, ideias, modos

de vida e instituições, as quais continuam a perpetuar injustiças e a destruir a capacidade do Planeta Terra em sustentar a vida? Como impulsionar o movimento pela justiça social e pela sustentabilidade ecológica?

Estas questões são centrais para este livro. Os autores – um do Grande Sul, o outro do Grande Norte – têm refletido muito sobre questões teológicas, de justiça e de ecologia. A resposta deles às questões delineadas é que o desafio maior vai além da disseminação de conhecimento e mudança de hábitos. Todas as ameaças que enfrentamos, na visão deles, são sintomas de uma doença cultural e espiritual afetando a humanidade. Eles afirmam que: “Há uma patologia aguda inerente ao sistema que atualmente domina e explora o mundo”. Eles identificam a pobreza e a desigualdade, o esgotamento da Terra e o envenenamento da vida como os três principais sintomas dessa patologia, e ainda observam que “as mesmas forças e ideologias que exploram e excluem os pobres estão também devastando toda a comunidade de vida do Planeta Terra”.

Para superar este estado patológico, os autores argumentam, será necessária uma mudança fundamental da consciência humana. Escrevem que, “de uma maneira muito real, somos chamados a nos reinventar como espécie”. Eles se referem a este processo de profunda transformação como “libertação”, da mesma maneira que este termo é usado na tradição de teologia da libertação; quer dizer, no nível pessoal como forma de realização ou iluminação espiritual e no nível coletivo como a procura de um povo de se liberar de opressões. Em meu entendimento, este uso dualista do conceito de “libertação” é o que dá a este livro seu caráter único, permitindo aos autores integrar as dimensões sociais, políticas, econômicas, ecológicas, emocionais e espirituais da atual crise global.

Como Hathaway e Boff dizem no prólogo, *O Tao da libertação* é a procura pela necessária sabedoria para efetuar profundas transformações liberadoras em nosso mundo. Ao se darem conta de que esta sabedoria não pode ser encapsulada por palavras, eles decidiram descrevê-la a partir do uso do antigo conceito chinês *Tao* (“o Caminho”), significando tanto o caminho espiritual do individual como a maneira de ser do universo. De acordo com a tradição taoista, a realização espiritual acontece quando agimos em harmonia com a natureza. Nas palavras do clássico texto chinês *Huai Nan Tzu*: “Aqueles que seguem o fluxo da natureza na corrente do *Tao*”.

Neste livro, a procura pela necessária sabedoria para efetuar as mudanças de uma sociedade obcecada por crescimento ilimitado e por consumo material para uma civilização equilibrada e sustentadora de toda a vida envolve duas etapas. A primeira pretende compreender os obstáculos reais que bloqueiam

nosso caminho de transformação libertadora. A segunda etapa envolve a formulação de uma “cosmologia de libertação” – uma visão do futuro que é, como diz Thomas Berry, “suficientemente fascinante para nos respaldar durante a transformação do projeto humano que está atualmente em desenvolvimento”.

Os múltiplos e interdependentes obstáculos explorados por Hathaway e Boff são causados por nossas estruturas políticas e econômicas, reforçadas por uma visão do mundo mecânica, determinista e subjetiva como sentimento de impotência, negação e desespero. Os obstáculos sistêmicos externos são argumentados em grande detalhe. Estes incluem a ilusão de crescimento ilimitado num planeta finito, o poder excessivo das corporações, um sistema financeiro parasita e a tendência de monopolizar o conhecimento e impor, usando a adequada expressão de Vandana Shiva, “monoculturas de mentes”. Os autores explicam que estes obstáculos externos são reforçados por sistemas opressivos de educação, pela manipulação dos meios de comunicação, por um consumismo generalizado e por ambientes artificiais – especialmente áreas urbanas – que nos isolam da natureza viva.

Para suplantar o sentimento de impotência, que pode se manifestar em várias formas como vício e ganância, negação, dificuldade de raciocínio e desespero, os autores sugerem que nós precisamos expandir nossa percepção do “eu”. Precisamos aprofundar nossa capacidade para compaixão, para construir comunidades, para a solidariedade, e precisamos acordar nosso senso de pertença para com a Terra, e assim redescobrir o nosso “eu ecológico”. Eles sugerem que devemos nos “concentrar nas coisas que realmente nos dão regozijo, que nos dão prazer – passar tempo com os amigos, fazer caminhadas ao ar livre, escutar música, ou se deliciar com uma simples refeição”. A maioria das coisas que nos dão realmente prazer, eles identificam, custa pouco ou é gratuita.

Contudo, para realmente despertarmos e nos reconectarmos, nós também precisamos de um novo entendimento da realidade e de um novo senso do lugar da humanidade no cosmo. Precisamos de “uma cosmologia vital e fundamental”. Os autores usam o termo “cosmologia” no sentido de uma concepção comum de entender o universo que dá significado a nossas vidas e eles contrastam a “cosmologia da libertação” que agora vai surgindo com a “cosmologia da dominação”, que inclui “a subalterna cosmologia de aquisição e consumo”, a qual domina as sociedades modernas e industrializadas.

Os autores afirmam que um novo entendimento do cosmo está surgindo a partir da ciência moderna, o qual é muito parecido com as cosmologias aborígenes. Entretanto, ao contrário da maioria dessas cosmologias, essa nova e

científica visão do mundo imagina um universo em evolução e, portanto, é um paradigma conceitual ideal para as transformações libertadoras de que tanto necessitamos. Para defender esse ponto, Hathaway e Boff recorrem a vários pensadores contemporâneos – filósofos, teólogos, psicólogos e especialistas em ciências naturais. Dentre a vasta gama de ideias, modelos e teorias discutidas por eles, nem todas são compatíveis entre si; algumas são esotéricas e definitivamente fora dos parâmetros da ciência convencional; e algumas vezes os autores extraem conclusões que vão além da ciência corrente. Não obstante, eles são admiravelmente bem-sucedidos na demonstração do surgimento de um novo, coerente e científico entendimento da realidade.

Na vanguarda da ciência contemporânea o universo não é mais visto como um aparato mecânico composto de simples elementos fundamentais. Foi descoberto que o mundo material, em última análise, é uma rede de inseparáveis modelos de relacionamentos; que nosso planeta é uma totalidade viva e um sistema autorregulatório. O entendimento do corpo humano como uma máquina e da mente como uma entidade em separado está sendo substituída por outro que concebe o cérebro, o sistema imunológico, tecidos orgânicos e mesmo células como sistemas vivos e cognitivos. A evolução não é mais vista como uma luta competitiva por existência, mas como uma dança cooperativa impulsionada por criatividade e pelo constante aparecimento do novo. E com essa nova ênfase em complexidade, em redes e em padrões de organização, uma nova “ciência de qualidade” está surgindo lentamente.

Os autores também argumentam, corretamente em nossa opinião, que essa nova cosmologia científica é completamente compatível com a dimensão espiritual da libertação. Eles nos lembram que, dentro da tradição cristã deles mesmos, o significado original da palavra espírito – *ruha* em aramaico, ou *ruah* em hebraico – era o sopro da vida. Este era também o significado original das palavras *spiritus*, *anima*, *pneuma* e de outras antigas palavras para “alma” ou “espírito”. A experiência espiritual, então, é, antes de tudo, a experiência de vida. A percepção central desse tipo de experiência, de acordo com numerosos testemunhos, é um profundo sentimento de unidade com o todo, um sentimento de pertença para com o universo em sua totalidade.

Esse sentimento de unidade com o mundo natural é confirmado pela nova concepção da vida difundida pela ciência contemporânea. Quando entendemos que as raízes da vida são fundadas em princípios básicos químicos e físicos, que o desenvolvimento de complexidades começou muito antes do aparecimento das primeiras células e que a vida evoluiu durante bilhões de anos

a partir do constante uso dos mesmos padrões e processos, percebemos nossa firme conexão com todo o tecido da vida.

Por isso, esse entendimento de sermos conectados com toda natureza é especialmente forte em ecologia. Conectividade, relacionamento e interdependência são conceitos fundamentais da ecologia, e conectividade, relacionamento e pertença são essenciais à experiência espiritual. Então, a ecologia parece ser uma ponte ideal entre a ciência e a espiritualidade. Certamente, Hathaway e Boff defendem uma “ecologia espiritual” essencialmente preocupada com o futuro do Planeta Terra e de toda a humanidade.

Os autores ainda salientam que há singulares discernimentos e abordagens ecológicas em todas as religiões e eles nos encorajam a ver essa diversidade de ensinamentos como um ponto forte e não como uma ameaça. “Cada um de nós deve verificar novamente nossas próprias tradições espirituais”, e os autores sugerem “procurar discernimentos que nos dirijam à reverência de toda a vida, a uma ética de partilha e de cuidado, a uma visão do sagrado encarnado no cosmo”.

O *Tao da libertação* também contém várias sugestões reais de metas, estratégias e políticas para a execução de ações transformativas para que possamos implementar uma sociedade justa e ecologicamente sustentável. Dois tópicos são discutidos em grande detalhe: o biorregionalismo baseado no conceito de recuperação da conexão com a natureza no nível local; e a Carta da Terra, que é “um verdadeiro sonho de libertação para a humanidade” e que tem como princípios primeiros o respeito e o cuidado para com a comunidade da vida.

Estamos nos aproximando de uma encruzilhada na história da humanidade e assim os leitores deste livro vão se deparar com uma riqueza de ideias e profundos discernimentos sobre as mudanças necessárias na consciência humana e sobre as transformações radicais que devemos implementar em nosso mundo. Dentre tais ideias, a mais importante e profunda é talvez a noção central do argumento dos autores. Ao invés de se ver a transição para uma sociedade sustentável primeiramente em termos de limites e restrições, Hathaway e Boff eloquentemente propõem uma nova e convincente concepção de sustentabilidade como forma de libertação.

Fritjof Capra

22 de abril de 2009, Berkeley, Estados Unidos

Dia Internacional da Mãe Terra

A humanidade enfrenta um momento histórico. O aumento da pobreza e a aceleração da destruição ecológica nos desafia a agir com sabedoria e maturidade. Como podemos produzir um futuro no qual o significado, a esperança e a beleza podem florescer?

“Este livro nos remete a uma riqueza de ideias e nos fornece profundos discernimentos sobre as mudanças fundamentais que precisamos implementar em nossa maneira de pensar e em nosso mundo.”

Fritjof Capra

Autor de *O Tao da física*



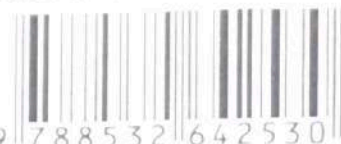
**EDITORA
VOZES**

Uma vida pelo bom livro

vendas@vozes.com.br

www.vozes.com.br

ISBN 978-85-326-4253-0



9 788532 642530

“A humanidade chega a um momento histórico. Os leitores deste livro descobrirão uma riqueza de ideias e profundos discernimentos sobre as mudanças fundamentais que precisamos implementar em nossa maneira de pensar e em nosso mundo. A mais importante e profunda dessas ideias é a que está no centro dos esforços dos autores; quer dizer, ao invés de entender nossa transição para uma sociedade sustentável como algo baseado primariamente na imposição de limites e restrições, Hathaway e Boff propõem com grande eloquência uma nova e convincente concepção da sustentabilidade como forma de libertação.”

Fritjof Capra

Autor de *O Tao da física*

O Tao da libertação se inspira em discernimentos de diversos campos, como a economia, a psicologia, as ciências, a espiritualidade, e procura a sabedoria que leva à verdadeira libertação. Este caminho conduzirá a comunidade da Terra cada vez mais para a comunhão, a diversidade e a criatividade.

Para descrever essa sabedoria os autores fazem uso da palavra chinesa *Tao*, que significa o caminho que leva à harmonia e ao processo evolutivo do cosmo.

Os autores

Mark Hathaway trabalha na área da educação de adultos e tem pesquisado e escrito sobre as interconexões entre ecologia, economia, justiça social, espiritualidade e cosmologia. É um ativista ecumênico da ecojustiça e se dedica à matemática, à física, à espiritualidade, como também à educação transformadora.

Leonardo Boff é o mais famoso teólogo brasileiro, sendo autor de mais de sessenta livros sobre teologia da libertação, ecologia e espiritualidade, incluindo *Saber cuidar - Ética do humano, compaixão pela Terra; Ética e coespiritualidade; Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Em 2001 recebeu o prêmio *Right Livelihood Award*.